

CAPACIDADE DE QUESTIONAR

Wir müssen wissen. Wir werden wissen. (“Nós precisamos saber. Nós iremos saber.”) são as últimas seis palavras de um discurso que o brilhante matemático David Hilbert dirigiu à *Sociedade de Cientistas e Médicos da Alemanha*, a 8 de setembro de 1930. Estas palavras, que são o epitáfio da sua lápide em Göttingen, tornaram-se uma citação famosa e inspiradora.



SÍLVIA BARBEIRO
Universidade
de Coimbra
silvia@mat.uc.pt

É atualmente um lugar-comum haver descrença em relação às notícias de jornais generalistas e até às publicações científicas. Aceitamos como dado adquirido que a imprensa não relata com rigor a atividade científica e que é sensacionalista. Apesar disso, não é raro limitarmo-nos a ficar rendidos ao ceticismo. Mas quando a curiosidade e a capacidade de pôr em causa a informação motivam o desconstruir, o desvendar, o aprofundar, para a seguir edificar, então advém a recompensa de um conhecimento mais profundo.

Nos últimos dias do mês de agosto, surgiram em muitos meios de comunicação social nacionais e estrangeiros títulos como “Placa de argila com 3700 anos é a tabela trigonométrica mais antiga e exata do mundo” ou “Babilónios, e não gregos, foram os primeiros a estudar trigonometria”. A génese das notícias foi um artigo recentemente publicado na revista *Historia Mathematica*. Os seus autores, investigadores de uma universidade australiana, estudaram a placa Plimpton 322, que ilustra a capa deste número da *Gazeta de Matemática*. Do interesse e da incredibilidade surge a questão de José Carlos Santos: “Trigonometria na antiga Babilónia?”. Ao ler o seu artigo da coluna *Apanhados na Rede*, experimentamos a urgência de separar factos de especulações e somos guiados no traço

dessa fronteira. A Plimpton 322, que exerceu o seu fascínio como notícia de jornal, torna-se mais bela e sedutora quando a compreendemos melhor.

Neste número da *Gazeta*, Nuno Camarneiro dedica a sua coluna à capacidade humana de questionar. Escreve: “... podemos tentar, devemos tentar! Certamente daremos algum contributo para o conhecimento e para a arte, talvez até, com muito esforço e alguma sorte, conseguimos um dia responder a uma pergunta.”

Reiterando a sua fé inabalável na matemática, Hilbert, no seu discurso, proclamou a convicção de que não existem problemas matemáticos irresolúveis, e que com tempo, paciência e esforço suficientes, é possível resolver qualquer problema, é possível resolver todos os problemas. Com os Teoremas da Incompletude, Kurt Gödel veio abalar esta visão otimista. Curiosamente, anunciou o primeiro dos dois teoremas um dia antes de Hilbert proferir as célebres palavras. A discussão sobre o impacto dos Teoremas da Incompletude de Gödel no Programa de Hilbert não cabe aqui e deixo-a para os especialistas. Certo é que nós, eu e o caro leitor, não podemos prescindir da capacidade de questionar e procurar respostas. Está na natureza humana. É uma força maior! É um dever! Vale a pena!